

GRAMÁTICA EM PAUTA


Diante de várias críticas ao papel da gramática no processo educativo, é mais que válido averiguar os fundamentos dessa visão



André Sampaio
Graduando em
Letras Vernáculas
e Estrangeiras e
editor de texto no
Sistema Ari de Sá

“**I**rás voltarás não morrerás na guerra”, disse Albérico de Trois-Fontaines, em *Chronicon*. Essa frase, que se refere a um antigo oráculo, enquanto se apresentava desprovida de qualquer sinal de pontuação, permitia ao leitor dupla interpretação, mostrando-se, portanto, obscura. Havendo ou eliminando-se uma pausa após o “não”, teríamos sentidos completamente distintos: um feliz e outro fatal. Esse exemplo ilustra bem a importância da pontuação para a eficácia da comunicação escrita. E por que começamos falando disso? Apenas para remeter à relevância de usos e recursos da língua, cujo conhecimento se desenvolve privilegiadamente pelo estudo da gramática, assunto desta nossa abordagem.

O vocábulo *gramática* é polissêmico: pode referir-se, por exemplo, à gramática descritiva, à normativa, à histórica... Vamos nos deter a um desses conceitos, o de *gramática normativa*, por ser o objeto principal desta reflexão. Uma gramática, sob esse aspecto, pode ser considerada um compêndio de recomendações modelares da língua, com fins didáticos, indicando as construções tidas como corretas e advertindo sobre as incorreções, sob o ponto de vista da chamada *norma-padrão*.

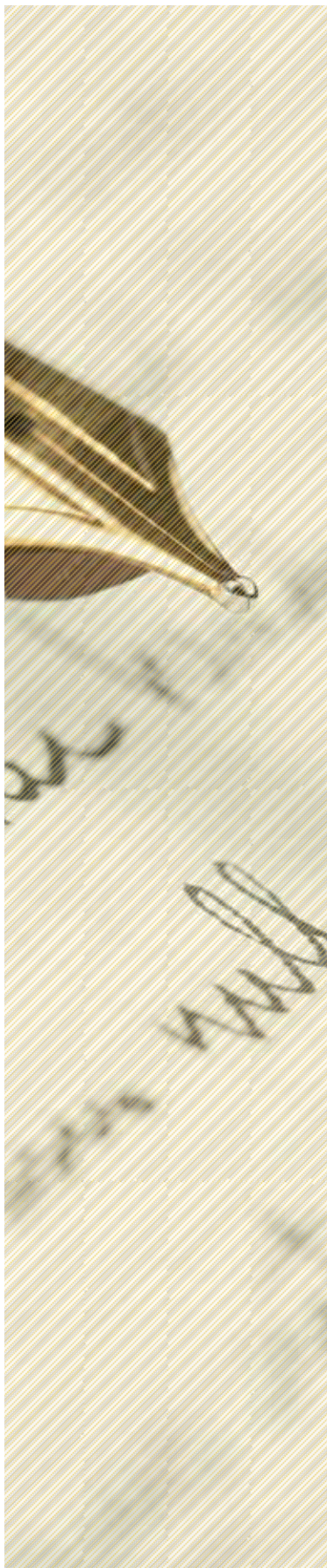


Muitos, desde décadas passadas, em particular nos próprios espaços acadêmicos, têm criticado e, por que não dizer, até mesmo vilipendiado o ensino da gramática nas escolas. Há quem afirme que o estudo das construções e estruturas frasais (sintaxe), por exemplo, é desnecessário para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita. Que alguém saiba ler e escrever mesmo sem dominar esse tipo de análise, disso ninguém duvida. Mas não podemos negar que o domínio desse conhecimento, ou ao menos uma noção básica dele, permite, por exemplo, dispor de maior segurança nas escolhas de escrita e viabiliza uma adequada compreensão leitora.

Se eu falo ou escrevo, por exemplo: “O rapaz, que vinha de bicicleta, parou ao lado da calçada”, posso afirmar que, na narrativa, só havia um rapaz e que este estava de bicicleta; o termo entre vírgulas, de teor apenas explicativo, poderia ser dispensado. Já se eu enuncio: “O rapaz que vinha de bicicleta parou ao lado da calçada”, sem pausas na fala e na escrita, posso dizer que havia mais de um rapaz, mas que apenas o que vinha de bicicleta parou ao lado da calçada. Como vemos, um conhecimento básico de orações adjetivas e de usos da vírgula garantiria o entendimento correto dos enunciados.

Há aqueles que, para ir de encontro à gramática, alegam, precipitadamente, que grandes escritores, como Aristóteles e Camões, por exemplo, escreveram antes de haver gramáticas e, apesar disso, escreveram bem. No entanto, esse tipo de proposição se mostra inconsistente, quer sob o ponto de vista linguístico, quer sob o histórico.

Primeiramente, temos que considerar a gênese da gramática ocidental. Ela surgiu no antes de Cristo, no mundo helenístico e alexandrino. Desenvolveu-se uma *téchne grammatiké*, cuja base foi a filosofia, mais precisamente a lógica, a partir de



uma vivência da linguagem, de uma reflexão sobre ela e de uma valorização de certos padrões de expressão. O próprio Aristóteles, por exemplo, como explica a linguista Maria Helena de Moura Neves, chegou a conceber, ao lado do *logos* (unidade da lógica), a *lexis* (elocução), e desenvolveu estudos ligados à linguagem – a retórica e a poética –, embora sua finalidade fosse a filosofia.

Quanto a Luís de Camões, vale recordar que ele viveu nos primórdios do período do português moderno, que vai da segunda metade do século XVI ao final do século XVII (ou início do XVIII). No século XVI, observou-se o advento de produções gramaticais, dicionarísticas e filológicas ligadas ao português. Entretanto, dessas produções, ainda incipientes, pouco beberam os escritores da literatura do período, de acordo com o parecer de filólogos como Evanildo Bechara. Assim, podemos considerar que o autor de *Os Lusíadas* nada deveu, por exemplo, a Fernão de Oliveira, nosso primeiro gramático (1536), para, nos escritos, proceder a uma renovação literária. Do ponto de vista da linguagem em geral, porém, precisamos ponderar que, mesmo sem contar com estudos sistematizados do português, Camões, como outros eruditos de seu tempo, sobretudo na academia, pôde ter à disposição estudos gramaticais. Antes dessa época, já no Medievo, estudos das línguas latina e grega eram bastante expressivos, e a gramática era uma das três disciplinas (o *trivium*) que formavam o primeiro conjunto das chamadas “artes liberais”.

Outro aspecto a observar acerca da gramática normativa diz respeito às variações linguísticas, as quais se apresentam, por exemplo, em dimensões geográficas, socioculturais, profissionais e em situações formais ou informais da fala. Cabe ao falante empregar, conforme os diferentes atos de fala, a modalidade adequada a cada situação. Assim, é importante que o ensino viabilize aos estudantes o domínio de várias modalidades da língua – entre as quais a variante padrão –, uma vez que estas lhes serão necessárias nos mais diversificados tipos de relações sociais.

O ensino da língua portuguesa nunca deixou de ser importante e necessário. Praticamente todo o processo de educação passa pela língua, falada e escrita. Nesse sentido, como costuma dizer Evanildo Bechara, o falante precisa ser “poliglota” no seu próprio idioma. E o que não podemos deixar de lado é o fato de que a educação como um todo precisa ser revitalizada – como também o ensino do português. Um ensino-aprendizagem baseado apenas em transmissão pura de regras certamente não cativará os estudantes nem os formará adequadamente. É, pois, essencial introduzir os alunos na percepção dos usos da língua e da norma-padrão numa aprendizagem contextualizada – e interdisciplinar –, em contato com o dia a dia do falante e com as necessidades variadas da comunicação, sem deixar de lado o convívio edificante com obras da literatura. ■